

O ANTÓNIO

O António nunca foi bem compreendido. O seu aspecto estranho não enganava ninguém. Nem os seus gestos e a sua maneira de estar. Quando nasceu, ninguém teve dúvidas que o António era mongolóide. E não era dos melhores casos. Falou sempre muito mal. Ainda hoje, aos trinta e cinco anos, a sua linguagem é telegráfica, isto é, sem partículas de ligação e muito pobre em adjectivos. E nunca foi simpático, quente nas relações humanas. A mãe teve-o aos quarenta e quatro anos e, ainda por cima, foi a sua primeira e única gravidez. O pai, homem mais velho, morreu quando o miúdo tinha sete anos de idade. Apesar de o António não ser nada fácil, bastante birrento até, a mãe adorava-o. Vivia para ele. Quando chegou o fim da adolescência, várias vezes avisadas aconselharam a mãe a colocar o António numa instituição para deficientes, se possível com a valência de lar residencial. A mãe recusou sempre estas sugestões, que considerava indignas do ponto de vista dos afectos e da sua responsabilidade social, e decidiu que o seu filho, melhor ou pior, viveria com ela. Seriam uma família. Uma família pequenina, mas uma família. E lá ia para todo o lado, acompanhada do filho. Até que um dia, na sequência de uma doença de curta duração, a senhora morreu. Para o António, disseram os especialistas consultados, não haveria quaisquer problemas decorrentes da morte da sua mãe: a percepção da realidade nas pessoas com Trissomia 21 está distorcida, pelo que não percebem bem essa coisa da morte, mesmo de pessoas muito chegadas. Sem família, as assistentes sociais lá conseguiram colocar o António num lar para deficientes. O lar, com excelentes condições, parecia a solução possível e, porque não dizê-lo, ideal. Mas faltava-lhe qualquer coisa. Talvez ele tivesse dado conta que não havia a presença, o carinho, a preocupação, em suma, o amor da sua mãe. O António, apesar de muito bem tratado, temos de o reconhecer, deixou de falar, diria de comunicar, de comer e de ver televisão, a sua ocupação

preferida. Progressivamente, denotando um grande sofrimento, deixou de responder a quaisquer estímulos, até que um dia foram dar com ele morto. Por enfarte de miocárdio, segundo o resultado da autópsia. Mas a D. Manuela, auxiliar experiente e sábia, disse que não: o António morreu foi de tristeza.